

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE EDUCADORES  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Fernanda Aparecida Martins de Souza

**Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental:**

Aproximações entre a EMEI Capitão Eduardo e a Escola Municipal Governador  
Ozanan Coelho

Belo Horizonte

2019

Fernanda Aparecida Martins de Souza

**Transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental:**  
aproximações entre a EMEI Capitão Eduardo e a Escola Municipal Governador Ozanan  
Coelho

Belo Horizonte

2019

S729 Souza, Fernanda Aparecida Martins de, 1981 -  
TCC Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental  
[manuscrito] : aproximações entre a EMEI Capitão Eduardo e a Escola  
Municipal Governador Ozanan Coelho / Fernanda Aparecida Martins  
de Souza. - Belo Horizonte, 2019.  
56 f.: il.

Orientadora: Eliana Guimarães Almeida.

Trabalho de conclusão de curso – (Especialização) - Universidade  
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui bibliografia e anexo.

1. Educação infantil. 2. Ensino pré-escolar. 3. Currículos -  
Planejamento. 4. Promoção - Escola. 5. Adaptação escolar. 6. Jardim  
de infância. 7. Educação – Finalidades e objetivos.

I. Almeida, Eliana Guimarães. II. Universidade Federal de Minas  
Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD : 372.21



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO SÉTIMO TRABALHO FINAL DO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: aproximações entre a EMEI Capitão Eduardo e a Escola Municipal Governador Ozanan Coelho”, do(a) aluno(a) **Fernanda Aparecida Martins de Souza**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Tânia Aretuza Gebara (orientador) e Eliana Guimarães Almeida. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) FERNANDA APARECIDA MARTINS DE SOUZA  
Fernanda Aparecida Martins de Souza

Registro na UFMG: 2018749719

  
Tânia Aretuza Gebara  
Professor(a) Orientador(a)

  
Eliana Guimarães Almeida  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

## RESUMO

Partindo do princípio de que a transição da educação infantil para o ensino fundamental é um evento rotineiro nos estabelecimentos de ensino e que traz consigo tensões significativas, a presente pesquisa apresenta um estudo para oportunizar um olhar crítico e reflexivo sobre o tema. Buscou-se identificar, compreender e elaborar possibilidades de aproximação do período de transição das crianças que frequentam a Escola Municipal de Educação Infantil Capitão Eduardo e que ingressarão no Ensino Fundamental na Escola Municipal Ozanan Coelho. Optou-se pela pesquisa qualitativa, utilizando para a coleta dos dados, a entrevista semiestruturada com duas professoras das turmas da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) e uma professora do 1º ano da escola do ensino fundamental. Além disso, 46 crianças da Educação Infantil e 17 do ensino fundamental, também foram sujeitos da investigação e com elas foram levantados dados por meio de conversas informais e desenhos, objetivando conhecer as expectativas e experiências escolares. Como referencial teórico a pesquisa lançou mão das normatizações como o Parecer da Câmara de Educação Básica /Conselho Nacional de Educação– CEB/CNE – nº5/09 (BRASIL, 2009), Proposições Curriculares para Educação Infantil (BELO HORIZONTE, 2014; 2015) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) que argumentam a necessidade de haver um contínuo entre esses dois níveis de ensino na educação básica. Também se baseou nos trabalhos de Kramer (2006); Corsino, Kramer e Nunes (2011); Baptista (2013) que abordam as tensões dessa transição, mostrando de que forma elas acontecem e os principais problemas que as geram. Goulart (2008) foi importante apoio para apresentar o conceito de infância e quais os fatores que devem ser levados em consideração para garantir a infância das crianças que vivenciam a transição. Este trabalho foi realizado através de dados levantados em duas turmas de cinco anos que estão no último ano da educação infantil e uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, nas escolas já citadas acima. Como resultados, foi possível identificar as estratégias de aproximações já existentes. Além disso, foram propostas ações para aprimorar o processo de transição fruto das entrevistas, e das reflexões da pesquisadora que atuou de maneira colaborativa para a apresentação de sugestões. Quanto ao plano de ação, foi elaborado um portfólio digital com a síntese e análise das produções das crianças, enviado como devolutiva para as escolas pesquisadas.

Palavras-chave: educação infantil; transição; ensino fundamental.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me proporcionar momentos tão importantes na minha vida e um deles é a minha formação acadêmica. Também a Ele agradeço por todas as pessoas que estão ao meu redor, que de forma direta ou indireta contribuem para o meu crescimento profissional e pessoal.

À minha família, Renato (marido), Sarah e Alice (filhas) e a dona Graça (mãe), manifesto minha gratidão pelo tanto que completam a minha vida e também pela paciência, apoio, cuidado e compreensão de sempre. Durante todo o percurso foi muito bom olhar para o lado e ver que pessoas que me amam e que são imensamente amadas por mim, estavam ali como parceiras e prontas a tornar a minha caminhada mais leve e suave.

Meu agradecimento vai também a minha orientadora Tânia Aretuza Ambrizi Gebara, pessoa especial, sensível, entusiasmada e com uma bagagem de experiências e conhecimentos, os quais compartilham com seus orientandos, agregando assim mais qualidade ao trabalho realizado. O amor que a professora Tânia tem pela busca do conhecimento contagia a todos e faz com que acreditemos que vale a pena e que todos somos capazes de contribuir com a educação realizando novas descobertas.

Às crianças que participaram da pesquisa, fica aqui o meu muito obrigado, pois pude aprender muito com elas. Agradeço às minhas colegas de trabalho por todas as contribuições, em especial as que participaram dessa pesquisa, ajudando-me a ampliar o meu olhar sobre o tema.

Muito obrigada à minhas colegas do LASEB, principalmente àquelas que viraram minhas amigas, Thaís e Cosmira, agradeço pelo companheirismo e por todo carinho.

É muito bom chegar ao final de um trabalho e perceber que diante do esforço empregado na produção do mesmo, em momento algum estive sozinha, por isso meu sentimento é de muita gratidão.

Pontinho de Vista

Eu sou pequeno, me dizem,  
e eu fico muito zangado.  
Tenho de olhar todo mundo  
com o queixo levantado.

Mas, se formiga falasse  
e me visse lá do chão,  
ia dizer, com certeza:  
— Minha nossa, que grandão!

Pedro Bandeira

## **LISTA DE SIGLAS**

CEVAE – Centro de vivência Agroecológica

EMGOC – Escola Municipal Governador Ozanan Coelho

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

UMEI – Unidade Municipal de Educação Infantil

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Registro realizado por criança da educação infantil	34
Figura 2	- Registro realizado por criança da educação infantil	34
Figura 3	- Registro realizado por criança da educação infantil	35
Figura 4	- Registro realizado por criança da educação infantil	35
Figura 5	- Registro realizado por criança da educação infantil	36
Figura 6	- Registro realizado por criança da educação infantil	36
Figura 7	- Registro realizado por criança do ensino fundamental	37
Figura 8	- Registro realizado por criança do ensino fundamental	37
Figura 9	- Registro realizado por criança da educação infantil	38
Figura 10	- Desenho realizado por criança da educação infantil	38
Figura 11	- Registro realizado por criança da educação infantil	39
Figura 12	- Registro realizado por criança da educação infantil	39
Figura 13	- Registro realizado por criança da educação infantil	40
Figura 14	- Registro realizado por criança do ensino fundamental	40
Figura 15	- Registro realizado por criança do ensino fundamental	41
Figura 16	- Registros realizados pelas crianças do ensino fundamental	42
Figura 17	- Registro realizado por crianças do ensino fundamental	43
Figura 18	- Registro realizado por criança do ensino fundamental	44
Figura 19	- Registros realizados por crianças da educação infantil	48
Figura 20	- Registro realizado por criança da educação infantil	49
Figura 21	- Registro realizado por criança do ensino fundamental	49
Figura 22	- Registro realizado por criança do ensino fundamental	50

## SUMÁRIO

	TRAJETÓRIAS DE APROXIMAÇÃO COM O TEMA INVESTIGADO .....	9
1	INTRODUÇÃO .....	11
2	JUSTIFICATIVA.....	12
3	QUESTÃO CENTRAL.....	14
4	OBJETIVOS.....	14
4.1.	<i>Objetivo Geral</i> .....	14
4.2.	<i>Objetivo Específico</i> .....	14
5	METODOLOGIA .....	15
5.1	<i>Conhecendo o campo de estudo</i> .....	16
5.1.1	Contextualização da EMEI Capitão Eduardo .....	16
5.1.2.	Contextualização da Escola Municipal Ozanan Coelho .....	18
5.2.	<i>Conhecendo os Sujeitos</i> .....	19
5.3.	<i>Instrumentos / Entrevista</i> .....	22
5.4.	<i>Plano de Ação</i> .....	22
6	REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
6.1	<i>Um pouco da história da Educação Infantil em Belo Horizonte</i> .....	24
6.2	<i>Concepção de Infância</i> .....	26
6.3	<i>A legislação referente ao Ingresso no 1º Ano / Ensino Fundamental de 9 anos.</i> .....	27
6.4	<i>Base Nacional Comum Curricular (BNCC)e proposições curriculares da SMED/BH: possibilidades de diálogo com o tema da transição escolar</i> .....	28
7	Análise e discussão dos dados .....	31
7.1 -	<i>Estratégias realizadas na EMEI Capitão Eduardo e na Escola Municipal Governador Ozanan Coelho no processo de Transição</i> .....	44
7.2-	<i>As sugestões de aproximações elencadas entre a EMEI e a Escola Municipal Governador Ozanan Coelho</i> .....	46
7.3.	<i>Os Distanciamentos e tensões identificados no processo de Transição</i> .....	50
8	Conclusão.....	52
	REFERÊNCIAS .....	54
	ANEXO 1 .....	56

## TRAJETÓRIAS DE APROXIMAÇÃO COM O TEMA INVESTIGADO

Busco em minha memória os significados e sensações que me impactaram em relação ao tema da pesquisa e percebo o quanto me marcou a experiência vivida na transição da educação infantil para o ensino fundamental. Sempre ao falar da minha trajetória escolar, as cenas que aconteceram no final da década de oitenta, aparecem novamente.

Gostava muito de ir à escola; esse era para mim, um importante momento do dia. Ingressei aos cinco anos e meio no pré-escolar da Instituição de ensino que estudei até a oitava série. Quando cheguei lá, tudo parecia muito grande, os muros, os portões, as pessoas e me senti um pouco assustada neste primeiro contato com a escola. Aos poucos fui me adaptando e tomando gosto em frequentar o espaço escolar, isso porque a minha primeira professora era muito especial e atenciosa, lecionava e interagia com seus alunos de maneira a nos fazer sentir segurança e me proporcionou vivências significativas. A minha matrícula na Escola Municipal Gabriela Leite Araújo se deu na década de 80 e o prédio em que a mesma funcionava era um grupo escolar pequeno com seis salas para atender todas as crianças de um bairro que estava em crescimento na cidade de Sabará. Nas aulas aconteciam brincadeiras, mas de forma moderada e muito direcionada. Também eram realizadas atividades de artes, mas as mesmas aconteciam utilizando materiais simples e a professora fazia o que era possível para desenvolver a aula de forma a atender as demandas de desenvolvimento da classe. O tempo parecia passar devagar e havia uma calma em como as atividades e a rotina acontecia.

Ao passar para o primeiro ano do Ensino Fundamental, muitas coisas mudaram, no entanto, criei boas expectativas, pois eu gostava da experiência escolar que havia vivido em minha trajetória até ali. Tenho em minha memória quando cheguei à sala, aquelas mesas grandes, principalmente para mim que sempre fui “miúda”. A professora estava dentro da sala sem dar muita importância para aquele tanto de criança que estava chegando e se assentando, pois a turma nova comportava mais estudantes matriculados e eu não esperava isso. Ela estava cuidando de organizar o material dela para logo em seguida começar a escrever no quadro para copiarmos. Dentro de poucos dias começaram os tais ditados para avaliar a escrita da turma e eu me perdi em meio a tanta novidade. As brincadeiras e cantigas em sala praticamente acabaram e senti o peso da

nova rotina não conseguindo um bom aproveitamento nos estudos. Até que fui transferida para uma turma dita mais fraca, ali consegui respirar um pouco mais aliviada, pois encontrei uma professora sensível a perceber minhas dificuldades e compreender os caminhos a serem trilhados para que esse ingresso no ensino fundamental não se desse como “um bicho papão” na minha vida. Ela soube dosar suas práticas, orientando de maneira a fazer com que a turma tomasse conhecimento da nova rotina, tornando mais confortável a inserção no ensino fundamental. Dentro de poucos meses eu já estava alfabetizada e não me lembro de um momento em que ela tenha me exposto ou a qualquer um dos colegas de turma, diferente do que acontecia corriqueiramente na outra classe em que eu fazia parte.

Hoje faço uma leitura das tensões que enfrentei sem saber nomear aquela mudança abrupta e que eu não esperava que fosse assim, e até que eu conseguisse me adaptar à nova rotina, me sentia incapaz e deslocada. Sempre dizia pra minha mãe que queria voltar para a minha professora, mas eu acho que de fato eu queria de volta a minha rotina baseada nas minhas experiências escolares. E a história se repete nas instituições, com personagens diferentes, mas algumas angústias ainda acontecem. Eu enquanto professora da Educação Infantil ouço famílias das crianças que ingressaram no ensino fundamental dizendo, “Ele (a) está sentindo falta da EMEI [Escola Municipal de Educação Infantil]”, e nessa fala recorro a minha vivência e me pergunto, do que essas crianças sentem falta? E pergunto também, do que eu senti falta?

## 1 INTRODUÇÃO

A transição da educação infantil para o ensino fundamental é um processo corriqueiro nas instituições de ensino que atendem a primeira e a segunda etapa da educação básica. No entanto, esse momento na vida escolar das crianças, merece importante atenção com a finalidade de minimizar as tensões presentes nessa passagem.

Mônica Batista (2013) ressalta que há uma ideia de aproximação entre esses ensinamentos quando pensamos que estes fazem parte de uma mesma educação básica. Por outro lado, um dos fatores que nos distanciam é porque a educação infantil e o ensino fundamental são etapas diferentes e cada uma com suas especificidades. Pesquisas têm sido realizadas com a finalidade de se conhecer melhor como essa transição acontece e quais demandas existentes sobre a temática. Estudiosos como Rabinovich (2012) e Vanessa Neves (2010) apresentam pesquisas que demonstram tensões significativas e problematizam como o processo tem acontecido.

A ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos, instituído pela Lei nº 11.274 de 2006 (BELO HORIZONTE, 2006), trouxe vários questionamentos, entre eles a articulação entre as duas etapas de ensino. As crianças passaram a se matricular no ensino fundamental com seis anos de idade e esta importante mudança na educação básica trouxe com ela a necessidade de se organizar e estruturar esse novo ensino fundamental. A Resolução da Câmara de Educação Básica / Conselho Nacional de Educação – CEB/CNE – nº 05/09 (BRASIL, 2009) trata sobre a passagem das crianças da educação infantil para o ensino fundamental onde fica destacado que a proposta pedagógica deve prever um currículo contínuo de aprendizagem e desenvolvimento, mas não apresenta muitas formas de se realizar o processo garantindo os direitos da criança. É fato que as crianças que frequentam a educação infantil são as mesmas que frequentarão o ensino fundamental, no entanto estabelecer um diálogo entre esses ensinamentos de maneira a se compreender como trajetória educacional contínua, ainda representa um desafio para a educação.

A pesquisa relacionada busca levantar as possibilidades de aproximação entre a Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI – Capitão Eduardo e a Escola Municipal Governador Ozanan Coelho, no que diz respeito à transição. Estas escolas pertencem a

rede municipal de ensino da prefeitura de Belo Horizonte, localizadas na regional nordeste da Capital.

Perceber até que ponto as escolas tem compreendido a importância de se pensar essa transição de forma crítica e reflexiva, nos leva a compreender melhor os desafios e avanços desse momento nas escolas. Abordando também as práticas já realizadas nas instituições, as linguagens utilizadas na construção do conhecimento e a maneira como profissionais da educação dessas escolas têm visto a criança e o seu protagonismo dentro deste processo.

A metodologia desta investigação tem caráter qualitativo, onde os dados foram levantados a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com professoras referências e com as crianças. Os resultados poderão contribuir com as práticas pedagógicas e a construção de olhares mais atentos a transição. Este trabalho estruturase a partir de nove itens, a saber: introdução; justificativa; questão central; objetivos; metodologia; referencial teórico; análises e discussão dos dados; plano de ação; considerações indicativas e referências bibliográficas.

## **2 JUSTIFICATIVA**

Levando em consideração as conversas informais com professoras referências e crianças sobre como a transição acontece entre as duas etapas de ensino da educação básica, percebi que há uma mistura de sentimentos como ansiedade, insegurança, expectativas e arriscaria dizer um certo medo do novo, tanto por parte dos adultos quanto das crianças. Estes aspectos que, em algumas ocasiões são difíceis de nomear, compõe um cenário desta pesquisa.

Além disso, também se questionou se há uma intenção dos profissionais da educação de promover ações que favoreçam uma transição que proporcione uma articulação entre educação infantil e ensino fundamental. Kramer (2013), em seminário disponibilizado na plataforma youtube, diz que a educação infantil e ensino fundamental

são indissociáveis e que há necessidade de fortalecer os dois ensinos, pois ambos apresentam ainda fragilidades. A autora também defende que tenhamos a linguagem e a brincadeira como experiência de cultura como eixo da educação infantil e dos primeiros anos do ensino fundamental.

As aproximações entre Educação Infantil e Ensino Fundamental são importantes, pois permitem que as crianças e seu grupo social contribuam diretamente na construção de significados sobre o processo de transição. Isso porque as crianças são sujeitos produtores e reprodutores de cultura. De acordo com Goulart (2008), ver a criança nesta perspectiva é um desafio, pois pelo fato do filhote humano ser dependente do adulto por um longo período, tendemos a achar que já conhecemos tudo sobre o universo da infância, não valorizando o protagonismo sócio cultural da criança.

Em pesquisa realizada em Belo Horizonte, Neves (2010) afirma que as dificuldades de diálogo entre esses dois segmentos de ensino foram relevantes para os desencontros vividos pelas crianças pesquisadas na transição da educação infantil para o Ensino Fundamental. Daí a necessidade de ter um olhar a fim de compreender os fatos e avançar nesta discussão.

Baptista (2013), em seminário disponibilizado na plataforma youtube, aborda que nós professores (as) temos que nos perguntar que pressupostos da Educação Infantil acreditamos que seria bom que invadisse o ensino fundamental? E que pressupostos do ensino fundamental pudessem invadir a educação infantil? Dessa forma destaco o Parecer CEB/CNE nº5/09:

Prever formas de articulação entre os docentes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (encontros, visitas, reuniões) e providenciar instrumentos de registro, portfólios de turmas, relatórios de avaliação do trabalho pedagógico, documentação da frequência e das realizações alcançadas pelas crianças – que permitam aos docentes do Ensino Fundamental conhecer os processos de aprendizagem vivenciados na Educação Infantil, em especial na pré-escola e as condições em que eles se deram, independentemente dessa transição ser feita no interior de uma mesma instituição ou entre instituições, para assegurar às crianças a continuidade de seus processos peculiares de desenvolvimento e a concretização de seu direito à educação. (BRASIL, 2009, p.17)

Por todos esses motivos elencados acima entendemos que o presente estudo é relevante, principalmente pelo fato de que trará contribuições para as especificidades inerentes a rede municipal de educação de Belo Horizonte. Embora o tema faça parte de uma discussão nacional, almeja-se que essa pesquisa contemple também a especificidade da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte – SMED/BH.

### **3 QUESTÃO CENTRAL**

Quais são as estratégias de aproximações para o processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental utilizadas pelas professoras da EMEI Capitão Eduardo e pela professora do primeiro ano da Escola Municipal Governador Ozanan Coelho?

### **4 OBJETIVOS**

#### *4.1. Objetivo Geral*

Identificar, compreender e elaborar possibilidades de aproximações para o período de transição das crianças que frequentam a EMEI Capitão Eduardo e que ingressarão no Ensino Fundamental da E. M. Governador Ozanan Coelho.

#### *4.2. Objetivo Específico*

Identificar e construir o perfil das professoras referências das turmas do último ano da educação infantil (EMEI Capitão Eduardo) e do primeiro ano do ensino fundamental (Escola Municipal Governador Ozanan Coelho);

Mapear e analisar as ações e estratégias já existentes no processo da transição tanto na EMEI Capitão Eduardo quanto na E. M. Governador Ozanan Coelho;

Registrar em formato de desenho as percepções das crianças sobre o tema da transição escolar;

Sistematizar um portfólio digital contendo as sugestões construídas com crianças e docentes das escolas pesquisadas.

## **5 METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada em duas escolas, na EMEI Capitão Eduardo que oferta Educação Infantil e na Escola Municipal Governador Ozanan Coelho de Ensino Fundamental. Ambas estão situadas no Bairro Capitão Eduardo, regional nordeste de Belo Horizonte. Foram pesquisadas duas turmas de cinco anos da EMEI e uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, esta última por sua vez recebe parte das crianças que estudam na EMEI Capitão Eduardo e ingressam no ensino fundamental. Também contribuíram para essa investigação duas professoras e uma coordenadora da educação Infantil e uma professora do ensino fundamental.

Esse trabalho segue uma linha de cunho qualitativo onde os aspectos processuais é que são analisados e o ponto de vista dos sujeitos é enfatizado. Esta opção por uma pesquisa qualitativa baseia-se nos estudos de Flick (2009) que abordam um aumento do uso da pesquisa qualitativa no que diz respeito aos estudos das relações sociais, isso devido à crescente “pluralização das esferas de vida”.

Buscar conhecer como acontecem as aproximações entre o ensino fundamental e a educação infantil estrutura-se dentro de um contexto de “pluralização de esfera de vida”, já que o estudo se relaciona com vivências, indivíduos e espaços diversificados que apontam pontos de vistas múltiplos. A pesquisa tem como campo duas escolas da rede municipal de Belo Horizonte, onde uma é de educação infantil e outra de ensino

fundamental, e mesmo ambas sendo ambientes escolares de uma mesma rede, cada uma delas é carregada de impressões próprias constituídas por seus sujeitos.

De acordo com Flick (2008) e Ludke (1986), para que esse tipo de pesquisa se configure como qualitativa é importante que o pesquisador tenha contato direto com o ambiente e também com a situação que está se estudando. Isso porque essa presença na rotina da escola proporciona o encontro com mais situações, como gestos, pessoas e palavras, as quais colaboram com as descobertas do objeto de pesquisa.

Portanto, a metodologia da presente investigação, será apresentada em quatro partes. Na primeira focaliza-se o contexto da EMEI Capitão Eduardo e da escola municipal Ozanan Coelho. Na segunda são apresentados os sujeitos e suas singularidades, na terceira destacam-se os instrumentos utilizados. E por fim, apresenta-se o plano de ação desenvolvido ao longo do percurso da investigação.

## *5.1 Conhecendo o campo de estudo*

### *5.1.1 Contextualização da EMEI Capitão Eduardo*

A EMEI Capitão Eduardo está localizada na periferia da capital, precisamente na regional Nordeste, no bairro Capitão Eduardo. Este faz divisa com os municípios de Santa Luzia e Sabará.

Até dia 30 de setembro de 2018 a EMEI Capitão Eduardo estava vinculada a Escola Municipal Governador Ozanan Coelho que administrava as finanças e participava da gestão da EMEI. Na EMEI havia uma vice-diretora que fazia a gestão, mas essa respaldada pela direção da escola de ensino fundamental. O ano de 2018 foi de importantes avanços e amparado pela lei 11.132 de 18 de setembro de 2018 (BELO HORIZONTE, 2018) as UMEIs (Unidade Municipal de Educação Infantil) se tornaram EMEIs (Escola Municipal de Educação Infantil) e no ensejo foram nomeadas, para a gestão Diretora e vice-diretora eleitas no final de 2017, conferindo assim autonomia das Instituições de Educação Infantil da Prefeitura de Belo Horizonte.

A EMEI Capitão Eduardo atende 205 crianças, com idade entre um e cinco anos. Dessas, quarenta e seis estão matriculadas nas turmas de cinco anos do segundo ciclo

da educação infantil, sendo vinte e dois alunos no turno manhã e vinte e quatro no turno da tarde e estes estão vivenciando a transição para o ensino fundamental.

O corpo docente é formado por dezesseis professoras, uma coordenação geral, duas coordenadoras parciais, duas professoras no cargo de regência compartilhada e também os cargos de diretora e vice-diretora. Na limpeza são três funcionários, sendo duas mulheres e um homem. Na cantina são três funcionárias. A instituição tem também um porteiro e nove Auxiliares de Apoio ao Educando.

O prédio da EMEI Capitão Eduardo tem seis salas, uma brinquedoteca, sala das professoras, cantina, refeitório, quatro banheiros infantis, quatro banheiros adultos, sala de direção e uma sala onde funciona a coordenação e a secretaria simultaneamente. Já a área externa possui dois pátios, considerados pequenos para a demanda, também há espaços vazios onde já existe uma aprovação do Orçamento Participativo para a ampliação, a fim de se construir mais duas salas e um berçário, pelo menos é o que está aprovado no documento do OP (Orçamento Participativo).

A EMEI Capitão Eduardo tem esse nome por ser este o nome do Bairro na qual ela está situada. Seu funcionamento se deu desde 2008 e é uma conquista de movimentos de luta da comunidade que precisava de atendimento educacional infantil. Antes dessa data, no local funcionava uma creche comunitária que não atendia a demanda dos moradores, portanto, quando a PBH assumiu o Ensino Infantil no local foram realizadas algumas reformas e adaptações nas instalações. Após dois anos de funcionamento como UMEI, o prédio foi ampliado com obras da SUDECAP, aumentando as vagas e o atendimento ao entorno. O atendimento se dá em sua maioria às famílias do bairro Capitão Eduardo e do bairro Beija Flor, mas também atende crianças de comunidades adjacentes ao local da instituição.

No bairro há uma praça muito visitada pelas crianças, este espaço tem infraestrutura básica para atendimento da comunidade, pois há uma "academia da cidade" montada. Também há um campinho improvisado bem próximo a EMEI que é um lugar de lazer utilizado pelos moradores e o Centro de Vivência Agroecológica (CEVAE) que é um Projeto de Horta Comunitária. Estes são espaços que ficam situados nas redondezas da escola.

Neste ano, o ensino ofertado na escola tem sido apenas parcial, mas em outros anos uma das turmas de dois anos, funcionava em horário integral. Algumas crianças que estão encerrando o ciclo da educação infantil, ao final deste ano, estão na escola desde os dois anos de idade, quando frequentaram a turma de integral que havia na escola.

A relação da EMEI com o bairro é de grande respeito. A comunidade valoriza muito o trabalho ofertado e tem prazer em ter seus filhos estudando na EMEI Capitão Eduardo e não escondem o desapontamento no momento em que as crianças finalizam o período da Educação Infantil e são remanejados para as escolas de Ensino Fundamental. As crianças que frequentam a EMEI Capitão Eduardo são sujeitos de direitos, questionadores, participantes da construção da cultura e elas se apropriam de experiências e vivências que os estimulam no aprendizado e na construção do conhecimento.

#### 5.1.2. Contextualização da Escola Municipal Ozanan Coelho

A Escola Municipal Ozanan Coelho está localizada próxima a Escola de Educação Infantil Capitão Eduardo. Atende atualmente o ensino fundamental, a educação infantil com quatro turmas, onde as crianças atendidas por esse segmento têm idades entre três e cinco anos. O ensino infantil voltou a fazer parte das atividades da escola em 2017, quando foi ampliado o número de vagas na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. No local também funciona o Ensino Médio, esse administrado pelo Estado.

A escola foi construída em 1991 pelo governo do Estado, no entanto permaneceu sem funcionamento até o ano de 1992 quando o município de Belo Horizonte assumiu a mesma e finalmente começou a ofertar o atendimento à comunidade. A conquista da construção de uma escola no Capitão Eduardo foi fruto de luta da comunidade, pois os estudantes que moravam no bairro tinham que se deslocar para bairros vizinhos para irem à escola e na maioria das vezes o trajeto tinha que ser a pé.

O espaço é composto com biblioteca bem organizada e mobiliada, laboratório de informática, cantina / refeitório, quadra coberta e uma quadra descoberta. São dezessete salas de aula distribuídas em dois pavimentos. Também tem um parquinho que é utilizado pelas crianças da educação infantil, mas que também recebe as crianças do primeiro ciclo de acordo com uma escala de horário informada pela coordenação da escola.

O local destinado à Educação Infantil, na escola, passou por reformas antes do início de funcionamento, com adaptações de mobiliário e delimitação com grades coloridas e baixas. Os banheiros receberam vasos e pias adequadas à estatura das crianças dessa faixa etária.

A Escola está participando de um Projeto chamado Appia, que traz uma proposta de continuidade entre os dois ensinos. Este projeto recebeu essa nomenclatura fazendo referencia a via Appia, primeira estrada construída em linha reta na antiga Roma, reforçando a ideia de continuidade. Este faz parte do Programa Avançado em Implementação de Políticas Públicas e teve seu início em 2018 com a elaboração de um Plano de Trabalho em dezoito escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Foram envolvidos neste projeto coordenadores pedagógicos dos dois segmentos e demais membros da comunidade escolar. A pesquisadora que está à frente deste trabalho na escola é professora e atualmente trabalha na equipe de apoio pedagógico da Diretoria Regional de ensino da regional Nordeste. De acordo com ela e com os materiais sobre o projeto que me foram disponibilizados, o objetivo do mesmo é aproximar as propostas pedagógicas e garantir uma transição harmoniosa e continuada entre as duas etapas de ensino. Foram realizados na escola para fins de elaboração do plano de trabalho encontros focais com representantes de professores, famílias, crianças da educação infantil e crianças do primeiro e segundo ano do ensino fundamental e neste último eu estava presente como ouvinte e observadora.

A Escola Municipal Governador Ozanan Coelho recebe a maior parte dos alunos da EMEI Capitão Eduardo e por isso trata-se de um importante campo desta pesquisa.

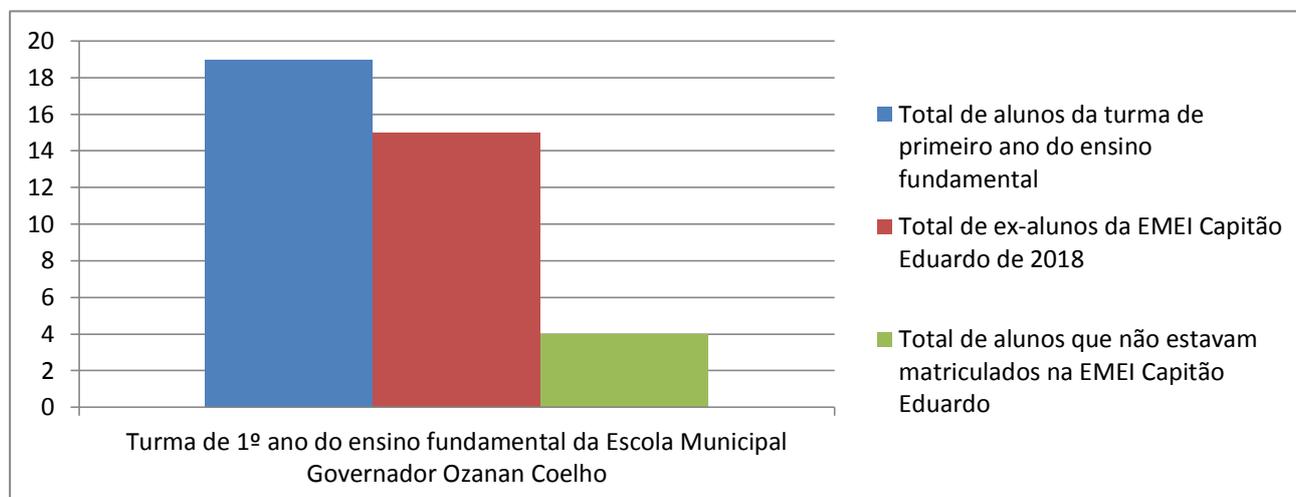
## *5.2. Conhecendo os Sujeitos*

Os sujeitos desta pesquisa são crianças e professoras que estão vivenciando neste ano de 2019, o processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental, nas escolas em que se realizou a pesquisa.

As crianças são quarenta e seis alunos (as) de duas turmas da Educação Infantil, sendo uma destas do turno manhã, composta por vinte e dois alunos e a outra do turno tarde composta por vinte e quatro crianças, ambas pertencentes à EMEI Capitão

Eduardo. A maioria dessas crianças mora no bairro onde se localiza a escola. Também há alguns alunos de bairros vizinhos e anexos ao o da escola como o bairro Beija Flor e o Tiradentes. Percebemos que algumas crianças vivenciam um maior tempo na EMEI, pois estão matriculadas na escola desde os dois anos, já outras vão chegando e acrescentando o grupo. Mas todas têm a oportunidade de participar da cultura infantil no universo escolar com seus pares e experimentam um currículo que enfatiza o eixo do brincar. Também participaram dessa pesquisa, dezessete das dezenove crianças matriculadas na turma de 1º ano do ensino fundamental do turno manhã da Escola Municipal Governador Ozanan Coelho. Na turma citada pode-se constatar, em nível de amostragem, o quantitativo de crianças que saem da EMEI Capitão Eduardo para ingressar na escola de ensino fundamental pesquisada, o que mostra o gráfico a seguir:

**GRÁFICO 01 – Relação do número de alunos matriculados na Escola Municipal Ozanan Coelho, vindos da EMEI Capitão Eduardo e de outras instituições**



Fonte: pesquisa

Também participaram dessa pesquisa as professoras que são referências das turmas de cinco anos da EMEI Capitão Eduardo, dos turnos manhã e tarde e a professora da escola Municipal Governador Ozanan Coelho, da turma de primeiro ano do ensino fundamental.

A professora do turno da tarde da EMEI está na rede de educação da Prefeitura de Belo Horizonte há sete anos, já trabalhou com diversas idades, tanto como referência quanto como professora apoio e este é o segundo ano que ela está como docente das

crianças de cinco anos. A professora do turno da manhã é servidora da rede de ensino da Prefeitura de Belo Horizonte desde 2016 e assumiu a turma de cinco anos como professora referência em dois dos três anos que está na escola e atuou em uma turma de quatro anos também como referência. Além da PBH, ela trabalha em uma escola da rede privada e leciona em uma turma de 2º ano do ensino fundamental. A professora da turma de primeiro ano é servidora da PBH há dez anos e meio, destes trabalha nove na Escola Ozanan Coelho. No período em que está na escola já assumiu turma de 1º ano duas vezes como professora referência e um ano como professora apoio. Também tem um cargo de Professora para Educação Infantil na mesma rede municipal de ensino na Escola Municipal Renascença, onde já trabalha há dez anos e meio.

A coordenadora Geral da EMEI Capitão Eduardo, também colaborou com informações para a pesquisa, a profissional trabalha na escola há dez anos e este é o segundo ano que está atuando nessa função.

Estes sujeitos trazem um olhar e uma vivência de cada lugar ocupados por eles, portanto é importante que sejam ouvidos para se compreender e organizar dentro das escolas, conhecimentos que favoreçam o trabalho dos profissionais da educação e o desenvolvimento das crianças. Sendo assim cada sujeito é importante nesse processo, pois o “papel do outro na construção do meu conhecimento é central tanto no que se refere às crianças quanto aos adultos.” (CORSINO, NUNES e KRAMER 2011, p.82)

Buscar o diálogo a fim de favorecer significados singulares, valorizando as experiências e os sujeitos, é apontado no argumento a seguir como uma estratégia de transição, quando diz que:

Atuar nas transições pode contribuir para criar nas escolas de educação infantil e ensino fundamental espaços para a prosa do dia a dia, onde as narrativas tecidas favoreçam os nexos, os sentidos, as mudanças institucionais e pessoais. (CORSINO, KRAMER e NUNES, 2011, p.82).

Dar visibilidade as perspectivas desses sujeitos colaboram para levantarmos apontamentos que oportunizem compreender e elaborar aproximações entre a educação infantil e o ensino fundamental.

### *5.3. Instrumentos / Entrevista*

Quanto ao levantamento dos dados, aconteceu por meio de observações, entrevista semiestruturada, conversas informais, registros em forma de cadernos de anotações e dinâmica de produção de desenhos que representem percepções e expectativas por parte das crianças envolvidas na transição.

Inicialmente foi realizado o contato com as direções das escolas participantes da pesquisa, apresentando a proposta do trabalho e contextualizando o planejamento para realização da mesma. Na ocasião tratou-se dos objetivos da pesquisa, dos dados a serem levantados e os instrumentos utilizados para tal.

Com as professoras foram realizadas entrevistas com questões objetivas e as mesmas se deram de forma individual, buscando minimizar influências no ponto de vista dessas professoras em relação ao assunto. As perguntas foram utilizadas para nortear a entrevista, no entanto as entrevistadas acrescentaram informações sobre o tema à medida que davam suas respostas.

As crianças das três turmas também foram ouvidas a partir de conversa em roda e dinâmicas de desenhos que aconteceram em um momento diferenciado para cada grupo. Na roda de conversa buscou-se levantar com os estudantes as impressões, expectativas e desejos que eles têm em relação à transição. Utilizou-se uma dinâmica de produção de desenhos objetivando representar esses sentimentos experimentados por eles neste ano.

### *5.4. Plano de Ação*

Quanto à elaboração do Plano de Ação, esse se deu mediante a avaliação dos dados e as possíveis necessidades encontradas. Foram construídas ações e reflexões com os sujeitos da pesquisa que buscaram tecer aproximações da educação infantil com o ensino fundamental, possibilitando uma transição de ensino que atendesse as crianças dessa faixa etária, minimizando as tensões existentes.

O Plano de ação contemplou 6 etapas:

- 1) Mapear as ações existentes na Educação Infantil e no ensino fundamental;
- 2) Levantamento das expectativas junto às crianças da educação infantil;
- 3) Conversa com as crianças do ensino fundamental para levantar as mudanças vivenciadas nesta etapa da educação básica;
- 4) Levantar junto às educadoras das duas instituições sugestões sobre a transição das crianças;
- 5) Sistematizar as pistas elencadas a partir das sugestões das educadoras;
- 6) Divulgação das estratégias de aproximação por meio da elaboração de um portfólio digital no intuito de compilar os resultados do trabalho e realizar uma devolutiva a ser entregue nas duas instituições participantes da investigação.

O produto final, em formato de portfólio digital foi socializado na EMEI Capitão Eduardo com o intuito de dar um retorno sobre o processo de estudo do tema da transição escolar. Na Escola Municipal Governador Ozanan Coelho foi possível iniciar uma interação com a gestão, para quem se entregou o material e nos colocamos à disposição para o diálogo.

## **6 REFERENCIAL TEÓRICO**

Os referenciais teóricos apontados neste trabalho serão a Sociologia da Infância, por meio da Cultura de Pares, e concepção de infância, leis e regulamentação de ensino tanto da Educação Infantil como também do Ensino Fundamental, bem como também pesquisas recentes que compreendem o tema.

As Proposições Curriculares da Prefeitura de Belo Horizonte (BELO HORIZONTE, 2014) contribuíram para este trabalho no que diz respeito ao contexto histórico da Educação Infantil em Belo horizonte, que apresenta o caminho percorrido em busca de

um trabalho que esteja adequado às necessidades da criança. Uma das premissas deste documento é que a criança seja o foco do processo educativo. Outra contribuição é a concepção de infância, trazendo uma abordagem que também é encontrada nos trabalhos de Maria Inês Mafra Goulart (2008) que apresenta o conceito de infância como algo múltiplo e que está ligado à cultura em que a criança é participante. Goulart (2008) reforça a importância do olhar para essa criança de forma sensível, dando atenção ao que esta, enquanto sujeito, traz de conhecimento e também de como elas são agentes de sua própria construção. No que diz respeito à transição, é importante que os profissionais da educação tenham um olhar para esse período vivido pelos alunos e procure construir com os estudantes formas de minimizar tensões presentes no ingresso no ensino fundamental.

Kramer (2011) e Baptista (2013) trazem abordagens relevantes a esse trabalho, as quais apresentam a importância de articulação entre educação infantil e os primeiros anos do ensino fundamental, observando as especificidades de cada um e despertando assim um olhar integrado entre estes.

### *6.1- Um pouco da história da Educação Infantil em Belo Horizonte*

De acordo com as Proposições Curriculares da Prefeitura de Belo Horizonte (BELO HORIZONTE, 2014), ao final da década de 70 e início dos anos 80 observou-se um importante crescimento das creches comunitárias, filantrópicas e ou confessionais na região metropolitana de Belo Horizonte. Estas creches tinham caráter assistencial e emergencial para o atendimento às famílias que necessitavam garantir sua inserção no mercado de trabalho, pois o aumento da situação de pobreza levou a necessidade de buscarem no mercado de trabalho o sustento da família. No entanto, esse crescimento se deu de forma desordenada e trouxeram alguns problemas como, o funcionamento em locais inadequados sem materialidade própria ou ainda profissionais sem habilitação. O documento também fala que neste período citado acima surgiram movimentos sociais a nível nacional. Em Belo Horizonte foi criado o Movimento de Luta Pró-Creches (MLPC), este foi institucionalizado em 1996 e até os dias atuais tem buscado defender o direito da criança. Concomitantemente continuava o crescimento da demanda por vagas para as crianças da Educação Infantil. Assim instituições religiosas foram se organizando e

passaram a cumprir o papel do Estado no que diz respeito ao atendimento das crianças pequenas em caráter co-participativo financiado através de convênios.

O atendimento público à Educação Infantil na rede Municipal de Educação de Belo Horizonte iniciou-se em 1957, quando foi inaugurado o Jardim de Infância: Jardim Municipal Renascença (BELO HORIZONTE, 2014). Até o início de 2004 foram criadas mais 12 escolas que atendiam educação infantil de 3 a 6 anos e os atendimentos aconteciam em tempo parcial. Algumas escolas de ensino fundamental também atendiam turmas de educação infantil, mas essas vagas estavam sujeitadas às que sobravam na escola, depois que fosse preenchida a demanda do ensino fundamental. Na maioria das vezes esse atendimento era realizado em espaços e com mobiliários inadequados ao atendimento das crianças de 0 a 5 anos.

A partir da publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394 em 1996 (BRASIL, 1996), a educação infantil passa a ser a vista como a primeira etapa da educação básica, o ensino infantil então passa a ter maior reconhecimento. A partir dela, a educação infantil foi se constituindo em espaços que tem como foco o respeitar tanto as características quanto a necessidade das crianças (BELO HORIZONTE, 2014). Neste percurso foram criadas importantes políticas que tinham como objetivo ampliar o atendimento, uma delas foi a Lei Municipal 8.679/2003 (BELO HORIZONTE, 2003) que cria as unidades municipais de Educação Infantil. As primeiras UMEIs começaram a funcionar em 2004 e até dezembro de 2012, já estavam em funcionamento 67 UMEIs. Com a criação de instituições próprias para o ensino infantil a crianças de cinco anos também passam a ter oportunidade de estudar em escolas de Educação Infantil em Belo Horizonte, pois até então o atendimento para essa faixa etária era apenas nas escolas de ensino fundamental, isso quando existia vaga.

Em dezembro de 2017, foi postado na página de notícias do portal da PBH o anúncio de abertura de cerca de 10.000 vagas para atendimento da educação infantil. Na reportagem a secretária de educação Ângela Dalben e o senhor prefeito Alexandre Kalil, falam das ações realizadas para viabilizar a abertura desse quantitativo de vagas e um deles é reabrir turmas de educação infantil em escolas de ensino fundamental. Os entrevistados também falam das reformas que foram realizadas para adaptar o espaço nessas instituições, a fim de atender o ensino infantil. Isso tem demonstrado a retomada de políticas que até então estavam superadas, mas que no momento tem se apresentado

em nome da ampliação de vagas. O retorno da Educação Infantil para as escolas de ensino fundamental é vista como um retrocesso, porque do ponto de vista do histórico da Educação Infantil em Belo Horizonte, ao discutirem a criação das EMEIS, havia a preocupação de se pensar um espaço educativo próprio para a infância. E mesmo que sejam realizadas adaptações nas escolas de ensino fundamental, ainda há uma grande dificuldade de que as mesmas se assemelhem em sua totalidade a uma estrutura de EMEI.

## *6.2 Concepção de Infância*

De acordo com o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente, (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990), a infância vai até os 12 anos de idade incompletos (BRASIL, 1990). Diante disso, podemos afirmar que as crianças que estão matriculadas nos anos iniciais do ensino fundamental também estão vivendo o período da Infância, portanto existe a necessidade de que esta seja assegurada nas práticas e no funcionamento deste ensino.

Barbosa e Delgado (2012) dizem que o ensino fundamental dificilmente tem demonstrado preocupação com a pluralidade das infâncias e ainda com outros temas como a ludicidade, o pensamento simbólico, a imaginação, as culturas e tantos outros temas que de acordo com as autoras são tão caros a educação da criança pequena.

A isso perguntaríamos: Ótimo! Mas onde isso acontece? A escola de ensino fundamental tem centrado suas preocupações na constituição de um aluno e não de uma criança, no currículo e não na aprendizagem, na avaliação das aquisições acadêmicas e não no desenvolvimento integral da criança (...) (BARBOSA e DELGADO, 2012, pág.130).

A sociologia da infância, na modernidade, contextualiza a existência de diversas infâncias e como a criança é vista neste tempo cronológico da história. Segundo Goulart (2008) ao utilizarmos o termo infâncias, reforçamos que este conceito é múltiplo, pois o mesmo está diretamente ligado ao contexto social e a cultura a qual a criança está inserida. Ainda de acordo com a autora, as crianças são sujeitos de cultura e possuem um jeito próprio de estar no mundo, sendo assim elas desenvolvem uma cultura infantil própria, como confirma citação a seguir.

Nessa perspectiva, a socialização é vista mais como um processo reprodutivo do que linear. O processo é reprodutivo na medida em que as crianças não se limitam individualmente a interiorizar a cultura adulta que lhe é externa. Pelo contrário as crianças tornam-se numa parte da cultura adulta, e contribuem para sua reprodução através das negociações com os adultos e da produção criativa de séries de culturas de pares com outras crianças. (CORSARO, 2002, pág.113)

Isso é observado na transição, embora as crianças passem a viver experiências diferentes ao ingressarem no ensino fundamental é preciso intervenção e reflexão sobre a prática nestes ensinos de forma a garantir o direito da criança de viver sua infância e de construir cultura.

Barbosa e Delgado (2012) também questionam qual o ganho das crianças em deixarem de exercer as ações próprias de uma fase do desenvolvimento humano, como brincarem, desenharem, para realizarem outras ações como passar horas “copiando letras”, sendo que de acordo com as autoras há o tempo para a apropriação da leitura e da escrita.

### *6.3 A legislação referente ao Ingresso no 1º Ano / Ensino Fundamental de 9 anos.*

A lei nº 11.274 de 2006 (BRASIL, 2006) vem ampliar o ensino fundamental para nove anos, sendo assim as crianças que antes dessa data progrediam para o ensino fundamental com a idade de sete anos, o fazem agora com seis anos de idade. De acordo com o Ministério da Educação, a ampliação do ensino fundamental ampliaria a inclusão de crianças no sistema educacional brasileiro, especialmente a dos setores populares. Também defendia que as crianças que ingressavam na instituição escolar antes dos sete anos, apresentavam, em sua maioria, melhores resultados em relação àquelas que ingressavam após os sete anos. Esse argumento foi utilizado pelo ministério da educação e segundo o mesmo, baseou-se em estudos como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica.

Corsino, Kramer e Nunes (2011) trata em seu artigo, o fato de que havia no período da aprovação da Lei, uma tendência internacional de ampliação da escolaridade obrigatória, e a inclusão de crianças com menos idade no segmento do ensino fundamental. No Brasil esse tema pautava ações de organizações não governamentais e

por movimentos sociais, ambos corroboravam por melhoria na educação. Em alguns municípios já encontravam crianças matriculadas com seis anos no ensino fundamental desde 1990.

Neves (2010) afirma que em Belo Horizonte, com o Projeto da Escola Plural, em 1994 houve a ampliação do ensino fundamental, no entanto de acordo com a autora, mesmo já passados aproximadamente duas décadas, ainda há pouco conhecimento no que diz respeito a escolarização de crianças de seis anos. Isso demonstra a necessidades de avanços e estudos em relação ao ensino nas séries iniciais.

Neste trabalho, no levantamento dos dados, foi observado que o foco da transição está direcionado para a alfabetização, aparecendo nas falas com mais frequência, enquanto os demais aspectos da transição aparecem como coadjuvante nesse processo.

#### *6.4 Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e proposições curriculares da SMED/BH: possibilidades de diálogo com o tema da transição escolar*

De acordo com o documento Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) aprovada em 2017 e as Proposições Curriculares (BELO HORIZONTE, 2015), a Interação e a Brincadeira são os eixos estruturadores das práticas da educação infantil. As proposições curriculares acrescentam ainda a estes, o eixo Sociedade-Natureza-Cultura. Por meio dessas experiências, a criança constrói e apropria-se de conhecimentos tendo em vista a inter-relação desses eixos de forma contínua e dinâmica.

Na BNCC (BRASIL, 2017), a organização curricular da educação infantil está estruturada em cinco campos da experiência, que são eles: “O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e formas”; “Escuta, fala, pensamentos e imaginação”; “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. Nestes são definidos os objetivos de aprendizagens do desenvolvimento.

Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. (BRASIL, 2017, p.40).

Já nas proposições curriculares (BELO HORIZONTE, 2015), essa organização curricular se dá por meio das Intenções educativas, que são elas: 1. Construção da

autonomia do (a) estudante; 2. Construção de conhecimentos que favoreçam a participação na vida social e interação ativa com o meio físico e social; 3. O tratamento da informação e expressão por meio das múltiplas linguagens e tecnologias. Estas intenções do município se materializarão nas interações cotidianas, nas situações de vivência do brincar e nas oportunidades de conhecimento e reflexão acerca das culturas, das sociedades e das relações com a natureza, mediadas pelas linguagens presentes neste documento (Belo Horizonte, 2015, p.20).

As linguagens abordadas pelo volume dois das Proposições Curriculares (BELO HORIZONTE, 2015) são sete: a Linguagem Oral; Linguagem Escrita; Linguagem Corporal; Linguagem Musical; Linguagem Plástica Visual; Linguagem Digital; Linguagem Matemática. As crianças da educação infantil utilizam delas nos jogos simbólicos e brincadeiras, para expressarem seus pensamentos e sentimentos e assim constroem conhecimento.

De acordo com as Proposições Curriculares do município (BELO HORIZONTE, 2015), na rede Municipal de Educação de Belo Horizonte a organização do ciclo da Infância abrange crianças de zero a oito anos, e este é subdividido em três ciclos, sendo dois deles na Educação Infantil, e um no Ensino Fundamental. Os ciclos da Educação infantil são primeiro e segundo ciclo, que contemplam as crianças de zero a dois anos e as de três a cinco anos, respectivamente. O ciclo do ensino fundamental é o terceiro e compreende as crianças de seis a oito anos. A proposta da organização em ciclo de idade e de formação é abordada no documento como implementadora de desafios aos professores. Dentre vários desafios alguns desses dizem respeito à abordagem da transição como: “Elaborar o planejamento para cada ciclo e a articulação desse, entre os ciclos” (Belo Horizonte, 2014, p.69); e “Estabelecer e realizar estratégias de interlocução entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.” (Belo Horizonte, 2014, p.70).

Na BNCC (BRASIL, 2017), os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento são utilizados para a organização de três grupos por faixa etária, levando em consideração a especificidade dos diferentes grupos da Educação Infantil. No entanto, o documento trata da importância de que o desenvolvimento das crianças seja considerado na prática pedagógica. Os grupos por faixa etária na educação infantil são a “Creche”, com os bebês (0 a 1 ano e seis meses) e com as crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses); e a “Pré-escola”, com as crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

No entanto, uma das especificidades das crianças de cinco anos é o fato de estarem em fase transição da educação infantil para o ensino fundamental, diante disso este assunto é contemplado na BNCC da Educação Infantil.

A transição da Educação Infantil para o Ensino fundamental, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), deve receber muita atenção, equilibrando as mudanças introduzidas de maneira a garantir integração e continuidade dos processos de aprendizagem. Também é necessário buscar estratégias de acolhimento e adaptação no que diz respeito às crianças e docentes envolvidas neste processo. Orienta também que a nova etapa se estabeleça a partir do que a criança sabe e no que é capaz de fazer de forma a evitar a fragmentação ou descontinuidade do trabalho pedagógico.

O documento da BNCC (BRASIL, 2017) propõe algumas estratégias que oportunizem o diálogo entre os dois ensinos da educação básica, como por exemplo, informações de relatórios, portfólios e registros que demonstrem os processos vivenciados pelas crianças na Educação Infantil. Isso é apontado como um facilitador na compreensão da história do aluno que está no ensino fundamental. Também é proposto como estratégia de interlocução ações como:

Conversas ou visitas e troca de materiais entre os professores das escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental – Anos Iniciais também são importantes para facilitar a inserção das crianças nessa nova etapa da vida escolar. (BRASIL, 2017, p.53).

Tomando como referência os direitos e os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, a BNCC (BRASIL, 2017) apresenta a síntese de aprendizagem esperadas em cada campo de experiência, buscando equilibrar os desafios das mudanças introduzidas. E a síntese de aprendizagem se configura como:

(...) elemento balizador e indicativo de objetivos a ser explorados em todo o segmento da Educação Infantil, e que serão ampliados e aprofundados no Ensino Fundamental, e não como condição ou pré-requisito para o acesso ao Ensino Fundamental. (BRASIL, 2017, p.53).

A BNCC (BRASIL, 2017) do Ensino Fundamental- anos iniciais - enfatiza que a valorização das situações lúdicas de aprendizagem demonstra a necessária articulação com as experiências vivenciadas pelas crianças na Educação Infantil. Assim, a articulação

em questão deve estar em consonância progressiva sistematização dessas experiências, bem como também com o desenvolvimento de novas formas de relação com o mundo.

## **7 Análise e discussão dos dados**

Os dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas, realizadas com quatro profissionais das escolas pesquisadas, a saber: duas docentes e uma coordenadora da Educação Infantil e uma docente do ensino fundamental, permitiram conhecer o perfil dos profissionais envolvidos na transição.

A professora Julieta<sup>1</sup> tem aproximadamente quarenta anos e atua no segmento da educação infantil, tem sua formação no magistério no nível médio e atualmente está cursando sua primeira graduação, pedagogia. Ela trabalha na rede municipal de educação da PBH há sete anos e já trabalhou na rede particular, também na educação infantil, por quatro anos e nove meses. Este é o segundo ano que está como professora referência da turma de cinco anos na EMEI Capitão Eduardo, mas já trabalhou com crianças dessa idade em outros momentos, como professora apoio.

A professora Manuela<sup>1</sup>, também está com aproximadamente quarenta anos. Trabalha na rede municipal de educação de Belo Horizonte desde o ano de dois mil e dezesseis e atualmente está como docente da turma de cinco anos. Segundo ela, é o quarto ano letivo que trabalha com essa faixa etária na EMEI Capitão Eduardo. Atuou na educação infantil de escolas particulares por aproximadamente quatro anos. Sua formação é no curso de letras, já trabalhou com o ensino médio, com o fundamental II e com fundamental I, onde trabalha como docente de uma turma de terceiro ano.

A professora Catarina<sup>1</sup> é formada em pedagogia, também está com mais ou menos quarenta anos de idade e trabalha na Escola Municipal Governador Ozanan Coelho a dez anos. No período em que está trabalhando na escola, já assumiu turma de 1º ano duas

---

<sup>1</sup> Os nomes das professoras e coordenação pedagógica são fictícios.

vezes como professora referência e um ano como professora apoio. Também tem um cargo de Professora para Educação Infantil na mesma rede municipal de ensino, na Escola Municipal Renascença, onde já trabalha a dez anos e meio e atualmente está como docente de uma turma de cinco anos. Por isso, no que diz respeito à transição, ela argumenta que: “São dois mundos diferentes, são dois bombons diferentes”. (Entrevista 13/09/2019)

A experiência da professora nos dois segmentos, o infantil e o fundamental, demonstram pontos positivos, visto que em seus argumentos ela apresenta sensibilidade a esse momento na vida das crianças. Ela faz referência ao Projeto APPIA, ao qual a Escola Municipal Governador Ozanan Coelho está participando, citado neste trabalho no item “Contextualização da Escola Municipal Ozanan Coelho”. Que de acordo com a professora, pensar a transição deve também ser uma iniciativa da SMED-PBH. Diz ainda: “Fazíamos sozinha, em que entendíamos como necessário, por isso fazíamos” (Entrevista, 13/09/2019)

Nesta fala a professora diz respeito às ações criadas pelas escolas de forma autônomas para contribuir no processo de transição. Atualmente em algumas escolas de ensino fundamental do município de Belo Horizonte, e que também possuem ensino infantil, tem recebido contribuições da SMED-PBH nesse sentido.

A coordenadora Jasmine<sup>1</sup> tem aproximadamente quarenta anos, tem o curso de magistério e é graduada em letras. Trabalha com Educação Infantil a vinte e dois anos, trabalhou, por três meses, no local que é a EMEI Capitão Eduardo em um momento em que o prédio estava sob a administração de uma creche comunitária, depois lecionou no estado, atuando nas séries iniciais também por pouco tempo. Ao sair do estado foi contratada por uma escola particular e assumiu turmas de educação Infantil, por oito anos seguidos. Assumiu há dez anos, o cargo de professora da Educação Infantil na rede municipal de educação de Belo Horizonte. Atualmente tem dois cargos lotados na mesma escola e desde o ano passado assumiu o cargo de coordenadora geral.

Além de aprofundar no perfil das entrevistadas, os dados também possibilitaram mapear as estratégias já existentes e compilar as sugestões elencadas por esse grupo.

Também foram realizados encontros com as crianças, e traremos aqui os elementos levantados nestes momentos. Foram encontros ricos, pois as crianças têm

sempre um turbilhão de impressões que estão relacionadas às suas vivências, imaginação, suas interações que lamento ter tido pouco tempo para levantar pelo menos a maioria delas. Também acredito que a quantidade de criança por vez que participou da conversa, dificultou uma melhor escuta. Realizou-se uma roda coletiva em cada uma das salas participantes da pesquisa, estas aconteceram em momentos diferentes. Iniciou-se a conversa com eles, indagando sobre o que iria acontecer com a turma quando terminasse o ano na EMEI. Alguns responderam prontamente que iriam mudar de escola, alguns falaram que ia ser o Natal, entre outros argumentos.

Também disseram que eles iriam para outra escola e na EMEI iria ficar só as “crianças pequenas”. É comum as crianças tratarem as mais novas, como muito mais novas e aqueles mais velhos, se referirem como “os grandes”. Quanto ao nome da escola, a qual indaguei que eles irão frequentar no próximo ano, a maioria das crianças não souberam falar o nome, sempre fazem referência como “escola lá de baixo” ou ainda “escola grande”. Nas conversas informais é possível ver que até adultos, sejam da escola ou das famílias, costumam se referirem à escola dessa forma. No decorrer da conversa uma criança soube dizer o nome da escola, a mesma tem dois irmãos maiores que estudam na Escola Municipal Governador Ozanan Coelho e a família é participativa na vida escolar dos filhos.

Perguntei também como eles achavam que seria a escola que eles vão estudar e começaram a surgir vários palpites, como:

“Se fazer gracinha vai tomar bomba”  
“Vai ficar de castigo”  
“Vai para diretora”  
“Se não comportar o conselho tutelar vai levar e vai ficar três dias lá”  
“Não vai ter só uma atividade não, vai ter um monte”  
“Vai ter tarefa”(Diário de campo 24/ 09/2019)

Ao apresentarem essas falas, muitas vezes eles buscam confirma-las dizendo que algum de seus familiares foi quem disse que seria assim. Em algumas falas também se percebe argumentos baseados nas conversas com as professoras.

“Converso com eles dizendo que eles vão para uma escola maior, que vai ser diferente. Às vezes por alguma atividade que eles falam, ah! É muito. Ah! Ainda não é muito, depois vai ser mais. Vão para uma escola maior que vai ter mais atividade. Vai ter mais crianças junto com eles”.  
(Entrevista 02/09/2019)

Com os estudantes, além das conversas os dados também foram levantados a partir da dinâmica com desenho. Foi pedido às crianças da educação infantil que registrassem o que elas esperam que tenha de “legal” na escola que vão estudar o ano que vem e também registrassem a expectativa contrária, ou seja, o que acreditam que “não será legal”. Na maioria dos desenhos os brinquedos e as brincadeiras foram as principais expectativas, como se apresenta nas figuras abaixo:

Figura 1 - Registro realizado por criança da educação infantil

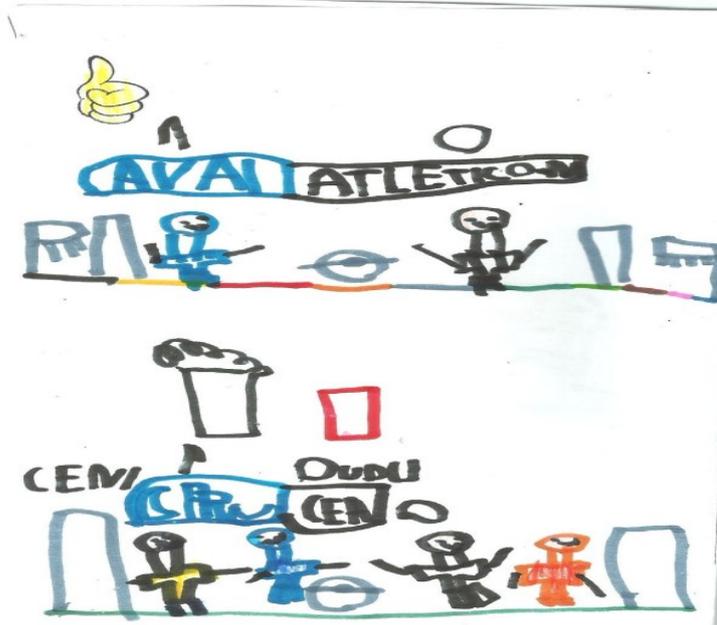


Figura 2 - Registro realizado por criança da educação infantil



Figura 3 - Registro realizado por criança da educação infantil



Figura 4 - Registro realizado por criança da educação infantil



Figura 5 - Registro realizado por criança da educação infantil



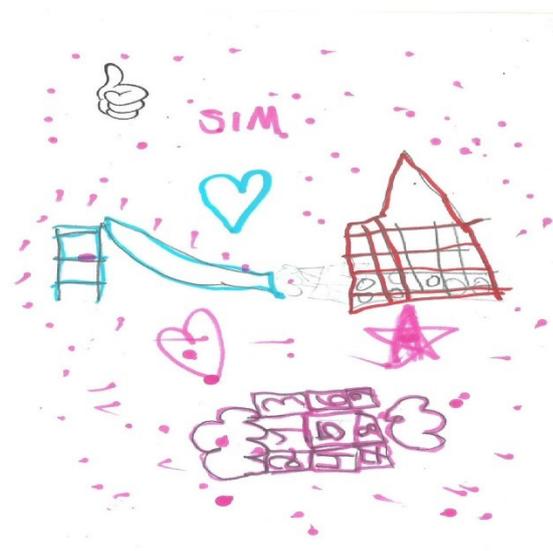
Figura 6 - Registro realizado por criança da educação infantil



Figura 7 - Registro realizado por criança do ensino fundamental



Figura 8 - Registro realizado por criança do ensino fundamental



Essas imagens reforçam a cultura do brincar na Infância. “O brincar, portanto, constitui-se como uma prática cultural central, por meio da qual se exercitam as atividades necessárias para o desenvolvimento da criança”. (GOULART, 2008, p.20)

Outro aspecto que apareceu nos desenhos foi a expectativa de que terão mais amigos, o que demonstra menção a estratégia das professoras de falarem da transição com argumentos positivos. Um deles é de que terão mais amigos como se vê nos desenhos a seguir:

Figura 9 - Registro realizado por criança da educação infantil



Figura 10 - Desenho realizado por criança da educação infantil



As amizades, com o ponto de vista de fazerem novos amigos ou ainda de terem uma quantidade maior de amigos, estão presentes nos desenhos e são endossadas pelos argumentos obtidos nas entrevistas realizadas por esse estudo. Sabemos que na interação com outro é que o indivíduo aprende e se desenvolve.

Nos desenhos também está presente, o quadro branco, as atividades de registro escrita de letras e de números, que alguns denominaram como “a matemática”. Partes dos alunos demonstraram expectativas positivas, e outra parte expectativas negativas em relação “as coisas de estudar”, como foi denominado por elas.

Figura 11 - Registro realizado por criança da educação infantil



Uma das crianças argumentou que não considera “legal”:

-“O caderno de prova, prova é ruim”(caderno de campo 24/09/2019).

Já outra disse que estava desenhando “as coisas de estudar, porque eu gosto muito das coisas de estudar”. (caderno de campo 24/09/2019)

Figura 12 - Registro realizado por criança da educação infantil



Figura 13 - Registro realizado por criança da educação infantil



As crianças do ensino fundamental, também se dividiram em relação a essas atividades havendo crianças que aprovam as atividades rotineiras, como os registros no quadro, representados pelos desenhos abaixo.

Figura 14 - Registro realizado por criança do ensino fundamental



A natureza foi outro ponto abordado pelas crianças e que apareceu nas produções das mesmas, geralmente permeada pelo brincar e pela exploração desses espaços.

Figura 15 - Registro realizado por criança do ensino fundamental



Nos depoimentos os alunos falam, com certo entusiasmo, dos elementos na natureza que vêem na Escola Municipal Governador Ozanan Coelho, ou ainda que acreditam que vai ter na nova escola.

Nas conversas e no momento de realização dos desenhos com os alunos do primeiro ano, surgiram algumas memórias das crianças em relação à EMEI Capitão Eduardo. Uma dessas memórias se deu ao desenhar como “legal” a natureza presente na escola e uma criança quis desenhar joaninha e disse:

-“Eu já vi joaninha, lá na UMEI” (Caderno de Campo, 13/09/2019).

UMEI é a forma como eles ainda denominam a EMEI, pois era assim que se nomeava a instituição enquanto eles estudavam na mesma. Também quando falamos da sala de televisão da Escola Municipal Governador Ozanan Coelho surgiu o assunto.

Criança:- Eu já vi o porteiro, lá na UMEI levando a televisão lá em cima.  
Pesquisadora: - É lá na EMEI tinha uma televisão.  
Criança: Estragou?  
Pesquisadora: Não, ainda não. (Caderno de campo 13/09/2019)

Os novos espaços da Escola estão presentes nas produções das crianças do primeiro ano do ensino fundamental, como lugares que eles consideram legais. As crianças da educação Infantil representaram esses espaços como salas de aula, quadra, biblioteca e informática, tendo o mesmo entendimento.

Figura 16 - Registros realizados pelas crianças do ensino fundamental



Figura 17 -Registro realizado por crianças do ensino fundamental



Figura 18 - Registro realizado por criança do ensino fundamental



Segue abaixo, itens referentes às estratégias já existentes, as sugestões colocadas pelas docentes e ainda as impressões e análises das crianças.

#### *7.1 - Estratégias realizadas na EMEI Capitão Eduardo e na Escola Municipal Governador Ozanan Coelho no processo de Transição*

Nas entrevistas com as três professoras e uma coordenadora da EMEI Capitão Eduardo, foram identificadas as seguintes estratégias: a primeira refere-se ao diálogo com as crianças. Por diálogo, entende-se conversas sobre o assunto com o grupo de crianças, tais como a contextualização das alterações na rotina e no espaço, apresentação dessa mudança de escola,

Lá na minha escola da tarde, como agente é infantil, mas é uma escola sede, né, agente é a mãe, então é as crianças até então elas iam para uma determinada escola próxima da gente, depois começou-se a trabalhar por microregião de acordo com o endereço, isso se dispersou, então o que agente consegue fazer é com muita conversa com a família e com as crianças, né colocando isso pra eles sobre a importância de amadurecer de tentar resolver seus conflitos um pouco mais sozinha pra conseguirem estar nesse outro mundo que elas vão se separar depois, né. Elas não têm nem a possibilidade de estarem agrupadas, muitas vezes isso não acontece. (Entrevista 13/09/2019)

A coordenadora argumentou também a importância do diálogo, buscando nas conversas escutar o que as crianças têm a dizer sobre o processo da transição e assim ir fazendo as intervenções e esclarecimentos do que eles trazem sobre a experiência que irá vivenciar. De acordo com ela, a conversa é uma forma de a criança apreender melhor o assunto.

“A partir do momento que você houve a criança, em cima do que ele pressupõe do que aquele espaço é você enriquece aquilo, mas eu acho que aquilo é muito válido e é importante sim, porque quando agente conversa agente está internalizando e compreendendo”. (Entrevista 20/09/2019)

A segunda estratégia identificada diz respeito à visita anual realizada pelas crianças da Educação Infantil na escola de ensino fundamental, esta por sua vez aparece nas entrevistas tanto das professoras como também da coordenadora. De acordo com as entrevistadas é uma experiência muito rica e auxilia na apropriação do espaço pelas crianças.

(...) Quanto mais agente conseguir aproximar, mais facilidade essa criança vai ter no primeiro ano, mais próximo agente conseguir trabalhar, estreitar a relação, fazer essa parceria, fazer visita igual agente faz aqui na escola, é importante no desenvolvimento da criança e mesmo nas nossas relações de trabalho.” (Entrevista 13/09/2019)

Agora aqui agente consegue fazer esse link né, as crianças vem fazer uma visita pra gente, as crianças do infantil e tem uns três anos que sou eu quem recebo essas crianças aqui, faço uma contação de história ou outra atividade, né, pra gente já se apresentar pra essas crianças. (Entrevista 13/09/2019)

A professora do turno da tarde da EMEI Capitão Eduardo, quando indagada sobre as estratégias que ela ou a escola faz para colaborar no processo de transição, a visita também é apontada por ela como uma estratégia quando argumenta,

O que já acontece na escola, a visita à escola de ensino fundamental. (Entrevista 24/09/2019)

A fim de uma melhor compreensão sobre essa visita guiada a pesquisa apurou informações que auxiliaram descrevê-la. Anualmente, as crianças das turmas de cinco anos da EMEI Capitão Eduardo vão até a escola de ensino fundamental mais próxima, que no caso é a Escola Municipal Governador Ozanan Coelho, para realizar uma visita de reconhecimento do espaço.

Esse momento já faz parte do calendário escolar da Instituição de educação infantil estudada e o objetivo é possibilitar uma interação das crianças com o lugar novo que eles vão ocupar no próximo ano. Segundo informações das professoras é agendado uma data com a escola de ensino fundamental, que foi citada e cada turma de cinco anos vai no turno que estão matriculados. Eles fazem o trajeto caminhando, pois a distância é de aproximadamente dois quarteirões. Chegando lá normalmente as turmas de primeiro ano fazem uma recepção das crianças da EMEI, os recebendo no portão e os conduzindo até um espaço coletivo, o denominado “telhadinho” que de acordo com as professoras é uma área que parece uma pequena arena. Neste lugar faz-se uma roda e eles cantam algumas músicas juntos e a escola anfitriã faz alguma apresentação com as crianças para os visitantes.

Depois desse momento eles dão uma volta pela escola para ver as salas de aula. Eu já acompanhei crianças de outros anos nessa visita e pude perceber que é um tempo muito pequeno, perto do desejo por explorar o espaço. As crianças tem uma expectativa em relação a ida a escola “lá de baixo” ou “a escola grande” como alguns nomeiam a Escola Municipal Governador Ozanan Coelho, mas na maioria das vezes falta tempo hábil às crianças de vivenciarem de fato a experiência.

Interessante perceber que nas conversas com as crianças do primeiro ano nenhuma delas fez menção sobre a visita. Podemos indagar se foi ou não significativa esta estratégia. E ainda também questionar se a invisibilidade da visita para as crianças tem relação com o tipo de instrumento utilizado, uma vez que a questão não foi direta para a criança, ou seja, a pergunta não ficou explícita para que fosse possível uma análise com maior profundidade. Já as crianças da educação infantil ainda não fizeram essa visita, pois normalmente ela acontece ao final do ano e está programado para o mês de novembro, portanto é compreensível que as crianças não tenham feito comentários em relação a essa estratégia.

## *7.2- As sugestões de aproximações elencadas entre a EMEI e a Escola Municipal Governador Ozanan Coelho*

Levantaram-se sugestões com o grupo de professoras e coordenação que trouxeram algumas contribuições como buscar um melhor e maior envolvimento da família no processo de transição, esse argumento aparece nas entrevistas.

Diálogo da escola com a família para instruir a criança para essa transição, mas já é natural essa transição. (Entrevista 24/09/2019)

Outra sugestão diz respeito à aproximação dos profissionais das duas escolas e, segundo a professora do ensino fundamental, esta poderia acontecer por iniciativa da SMED- PBH, com encontros entre os dois ensinos, o infantil e o fundamental para alinhar esses desafios, como por exemplo: conhecer essa criança que será recebida no ensino fundamental e saber previamente o que se conseguiu avançar com as crianças.

Também foi abordado que poderia se realizar mais visitas, pois esta até o momento acontece apenas uma vez no decorrer do ano, e que poderiam ser realizadas em momentos de eventos que acontecem na escola. Foi levantado também, pela professora da Escola Municipal Governador Ozanan Coelho, que o ensino fundamental também poderia realizar visitas nas escolas de educação infantil.

As sugestões levantadas pelas crianças apareceram implícitas nos desenhos representadas pelos desejos daquilo que esperam que tenha no novo espaço escolar, bem como também no que eles acreditam que terá e que não vêem como ações legais.

Os desenhos das crianças evidenciam sugestões como: necessidade de terem espaços de brincadeira; a exploração da natureza por meio de desenhos que mostram brincadeiras em árvores e outros elementos que nos levam a inferir essa demanda; destaque para o espaço da biblioteca como algo que eles vêem como positivo. Algumas dessas crianças já possuem um conhecimento prévio em relação ao espaço da Escola Municipal Governador Ozanan Coelho e este por sua vez aparece em alguns registros analisados.

Quanto aos conflitos entre os pares (criança/criança), por vários momentos os depoimentos das crianças refletiram que elas possuem um olhar crítico em relação a alguns comportamentos que acontecem nas interações. Pode-se identificar nos registros e na fala de algumas crianças, desaprovação a certas atitudes, como brincadeiras desrespeitosas ou brigas. Apareceram os seguintes argumentos:

Eu não gosto dos meninos brigando (Diário de bordo 13/09/2019)

Eu não gosto daquelas pessoas que fica pegando a colher e fingindo que vai jogar na cabeça. Vai que cai de verdade? (Diário de bordo 13/09/2019).

Já a relação entre criança/ adulto, de acordo com as observações das crianças nas conversas, algumas destacaram que gostam muito da professora, mas também registraram através dos desenhos, alguns momentos de conflitos entre crianças e adultos. Isso ficou destacado também quando as crianças falam:

O menino gritou com a professora, porque eu já vi (Diário de bordo 13/09/2019).

Também registraram momentos em que alunos estão brigando e o adulto chamando a atenção gritando, apresentando esse episódio como algo que “não é legal”. Diante dessa experiência, mais uma vez as crianças demonstraram criticidade em relação a forma como acontece a interação entre alguns adultos e crianças.

**Figura 19 - Registros realizados por crianças da educação infantil**



Figura 20 - Registro realizado por criança da educação infantil



Figura 21 - Registro realizado por criança do ensino fundamental



Figura 22 - Registro realizado por criança do ensino fundamental



Sendo humano, esse processo é marcado por contradições: podemos aprender com as crianças a crítica, a brincadeira, a virar as coisas do mundo pelo avesso. Ao mesmo tempo, precisamos considerar o contexto, as condições concretas em que as crianças estão inseridas e onde se dão suas práticas e interações. (BRASIL, 2007, p.17)

### 7.3. Os Distanciamentos e tensões identificados no processo de Transição

Observou-se que nas entrevistas com as docentes, os distanciamentos apareceram em relação a pouca interação entre os (as) profissionais das duas escolas. E nas entrevistas aparece a sugestão de que se promovam ações de maior aproximação entre as duas equipes pedagógicas, infantil e fundamental. Sônia Kramer diz da importância desse diálogo, quando argumenta que:

É preciso garantir que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar), que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos na educação infantil e no ensino fundamental e que saibamos em ambos, ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não apenas como estudantes. A inclusão de crianças de seis anos no ensino fundamental requer diálogo entre educação infantil e ensino fundamental, diálogo institucional e pedagógico, dentro da escola e entre as escolas, com alternativas curriculares claras. (BRASIL, 2007, p .20)

Surgiram algumas tensões, como a concepção de bem assistido apontada pela professora da educação infantil, enfatizando a alfabetização, quando diz que,

Quando a criança é bem assistida eu acho que vai tranquilo a gente dá um início a base e lá eles dão continuidade, mas quando a criança não é bem assistida eu acredito que ela terá alguma dificuldade em algum ano ela vai agarrar em alguma parte principalmente quando se trata da alfabetização. BEM ASSISTIDO pelo professor e a família. (Entrevista, 03/09/2019)

Também quando a professora fala da diminuição na assistência das crianças, por parte das famílias, na participação de reuniões, na colaboração com as atividades de casa, como argumenta a mesma.

É essa família entender, que ele passou para o primeiro ano, mas ele ainda tem seis anos, está nesse mundão diferente sozinho, agente (escola) e ele (criança). É não fazer o para casa, que agente tem demais, o material que não trazem, lápis de escrever então, é um por dia. (Entrevista 13/09/2019)

De acordo com as professoras, outra tensão importante está relacionada à questão das crianças faltarem muito e não conseguirem alcançar o avanço esperado por elas no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades.

A apresentação do ensino fundamental de forma negativa, por algumas pessoas e o fato de serem repetidas nas falas das crianças, representa uma tensão, visto que muitas vezes fica no imaginário da criança, a qual constrói um conceito sobre a transição. No entanto, este conceito pode se basear em estigmas em relação ao ensino, ou ainda usar de argumento negativo para causar “medo” nos alunos.

É uma tensão também para as professoras a organização do currículo, de forma a contemplar a criança e também fazer com que este esteja em consonância com os documentos, tanto local, como o Projeto Político Pedagógico, como também os de esfera municipal e federal.

Na educação infantil, eu pelo menos trabalho muito no lúdico, eu prefiro o lúdico vai nas brincadeiras e eles vão juntando, faz jogos e aí vai desenvolvendo o trabalho. E com são maiores e vão para educação fundamental, eles tem uma turma mais cheia e eu acredito que o acompanhamento das crianças fica mais difícil. Estou falando isso por mim mesma, porque eu trabalho no fundamental, e acaba ficando mais difícil. (Entrevista, 03/09/2019)

## 8 Conclusão

Buscar conhecer as estratégias de aproximação entre EMEI Capitão Eduardo e Escola Municipal Governador Ozanan Coelho, bem como também levantar ações que possam melhorar o processo de transição que acontece entre as duas escolas, foi relevante para perceber as potencialidades do que já é feito e favorecer as construções de sugestões que contribuam na transição.

A pesquisa apresentou as estratégias de aproximação que a meu ver são ações importantes, mas que podem ser melhoradas. Ponto de vista esse, apoiado pelos argumentos das professoras e da coordenadora que participaram da pesquisa. Também ficou claro que ainda existe certo distanciamento, ou ainda digo mais, pouca articulação dos profissionais em relação ao atendimento das crianças que estão vivendo a transição entre educação infantil e ensino fundamental. Neste ponto o grupo pesquisado também apresentou sugestões para que os distanciamentos sejam minimizados.

A forma de levantamento dos dados foi essencial para ouvir as expectativas das crianças e as impressões que estas têm tanto as da educação infantil, quanto as do ensino fundamental. A escuta foi um apoio para se pensar o que as crianças sabem sobre a transição, não como um conceito, mas sim como uma experiência. E a partir disso trazer elementos que podem auxiliar os envolvidos no processo, melhorando a proposta e ações até então existentes nas instituições.

O Portfólio construído com a experiência da pesquisa, ao ser consultado pelas escolas, constitui-se como elemento de reflexão das ações e poderá assim, acredito eu, ser um material de apoio para as possíveis futuras ações que possam surgir, em relação à transição.

Com este estudo percebi que ainda há muitas demandas para que de fato aconteça uma aproximação na transição da educação infantil para o ensino fundamental que dê voz a criança, a principal protagonista deste processo. No entanto, por outro lado os profissionais participantes da pesquisa demonstraram preocupação em fazer o seu melhor para que os estudantes tenham as possíveis tensões minimizadas.

São muitos os aspectos sobre a transição que surgem nos estudos, os quais gerariam várias outras pesquisas, como por exemplo, os possíveis impasses no desenvolvimento da linguagem escrita no primeiro ano; rotinas e fazeres pedagógicos da

educação infantil que aparecem no ensino fundamental. Como as crianças do primeiro ano do ensino fundamental se apropriam e fazem o uso dos espaços da escola? Como eles lidam com os conflitos presentes nas interações com os adultos e também com os alunos com idades diferentes? Estes são temas e indagações para outros estudos, visando um aprofundamento que contemple o olhar da criança e assim faça uma leitura dessas experiências na transição. Mas no que diz respeito às aproximações entre a EMEI Capitão Eduardo e Escola Municipal Governador Ozanan Coelho, ficou destacado que estas facilitam a inserção da criança em um novo segmento de ensino da educação básica. No entanto para se alcançar melhores resultados é necessário que juntos, os profissionais da educação possam desenvolver mais ações que promovam maior integração entre os dois segmentos. Isso tem grandes chances de acontecer, visto que nas escolas têm se discutido com mais frequência o assunto.

As crianças estão prontas a contribuir no desenvolvimento de propostas que minimizem tensões na transição da educação infantil para o ensino fundamental e isso pode ser notado nos vários depoimentos e desenhos produzidos por elas. Reforçando assim o fato de que as crianças são sujeitos de direitos que constrói a cultura e são construídos por ela, e podemos dizer que estas sim, dentre outras ações, podem contribuir na construção de aproximações.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. **Por enquanto eu sou pequeno**. São Paulo: MODERNA, 2002.

BARBOSA, Carmem Silveira; DELGADO, Ana Cristina Coll e colaboradores. **A infância no ensino fundamental de nove anos**. Porto Alegre: Penso. 2012.

**BELO HORIZONTE**. PBH cria 10 mil novas vagas para Educação Infantil em 2018. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/pbh-cria-10-mil-novas-vagas-para-educacao-infantil-em-2018.04/12/2017> | 14:20 | atualizado em 26/12/2017. Acessado em 23 de maio 2019.

**BELO HORIZONTE**. Secretaria Municipal de Educação. **Proposições curriculares para a Educação Infantil: eixos estruturadores**, 2015.

**BELO HORIZONTE**. Secretaria Municipal de Educação. **Proposições Curriculares para a Educação Infantil: fundamentos**, 2014.

**BELO HORIZONTE**. **Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018**. Estabelece a autonomia das Unidades Municipais de Educação Infantil -UMElS, transformando-as em Escolas Municipais de Educação Infantil -EMElS, cria o cargo comissionado de Diretor de EMEl, as funções públicas comissionadas de Vice-Diretor de EMEl e de Coordenador Pedagógico Geral, o cargo comissionado de Secretário Escolar, os cargos públicos de Bibliotecário Escolar e de Assistente Administrativo Educacional e dá outras providências. Diário Oficial do Município. Belo Horizonte, 19 set. 2018

**BRASIL**. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

**BRASIL**. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. 2013

**BRASIL**. Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990 Estatuto da Criança e do adolescente

**BRASIL**. **Lei nº 11.274, 6 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos art. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Diário Oficial da União. Brasília, 7 fev. 2006.

**BRASIL**. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

**BRASIL**. Ministério da Educação. Resolução CEB/CNE nº 05/09, de 18 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União. Brasília, DF. 2009.

**CORSARO, William A**. **A Reprodução Interpretativa no Brincar ao “Faz-de-Conta” das Crianças**. Revista Educação, Sociedade e Culturas, nº 17, p.113-114, 2002.

CORSINO, Patrícia; KRAMER, Sônia; NUNES, Maria Fernanda. **Infância e criança de 6 anos**: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, p.69-85, jan/abr.2011.

**Educação Infantil e Ensino Fundamental** - Sonia Kramer e Mônica Correia Baptista. UNIVESP.Youtube.11 de jan. 2013. 29min54s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9SMozv6LgJ8>>.Acessado em: 12 fev. de 2019.

FLICK, Uwe. Métodos de Pesquisa: **Introdução a Pesquisa Qualitativa**. São Paulo: ARTMED, 2009.

GOULART, Maria Inês Mafra. **Infâncias: Crianças de zero a seis anos e suas especificidades**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2008.

KRAMER, S. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e é fundamental**. In: Educação e Sociedade. Campinas. Vol. 27 (96) – Especial. 2006.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A. Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. **Tensões contemporâneas no processo de passagem da educação infantil para o ensino fundamental: um estudo de caso em Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RABINOVICH, Shelly Blecher. **A Articulação da Educação Infantil com o Ensino Fundamental I: A voz das Crianças, dos Educadores e das famílias em relação ao ingresso no 1º ano**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.2012.

## ANEXO 1

### Roteiro de entrevista para professoras e coordenadora

- Na sua concepção, do lugar que você ocupa como professora ou como coordenadora pedagógica, qual a importância de se pensar sobre a transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental?
- Quais estratégias você e/ou a sua escola utilizam para colaborar no processo de transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental?
- Quais ações você considera mais relevantes para uma boa transição das crianças da Educação infantil para o Ensino fundamental? Justifique.
- A seu ver, quais são as principais lacunas e/ou desafios referentes ao processo de transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental?
- Você teria alguma sugestão para aprimorar o processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental? Quais?
- Você gostaria de fazer algum outro comentário ou ponderação sobre o tema da transição escolar?
- Durante a entrevista poderemos desenvolver alguns outros questionamentos que possam surgir.